



FOTO: Ag. Abridor de Latas



Nosso DNA é de luta!

A FUP e seus sindicatos assinaram na quinta-feira (26) a renovação do Acordo Coletivo de Trabalho, dando início a uma nova etapa de luta para preservar a integração do Sistema Petrobrás e garantir a retomada dos investimentos da empresa e a soberania na exploração do Pré-Sal. Para quem ousou duvidar da força e da organização dos petroleiros, subestimando o seu compromisso com uma Pauta pelo Brasil, a greve de novembro provou do que são capazes os trabalhadores.

De forma unitária, os petroleiros realizaram o maior movimento político da história da categoria, deixando de lado reivindicações corporativas para disputarem os rumos da maior empresa do país. As novas gerações fincaram sua marca

nessa greve, tão vitoriosa e emblemática quanto a de maio de 1995.

Vinte anos depois, os trabalhadores voltam a fazer história, ao interferirem no destino da Petrobrás, com propostas que já começam a se concretizar nas ações anunciadas para garantir novas fontes de investimentos e geração de caixa que possibilitem à empresa voltar a ser a indutora do desenvolvimento nacional. A greve foi também fundamental para garantir que nenhum direito fosse retirado da categoria, como tentaram os gestores.

Cada etapa dessa trajetória de conquistas tem o protagonismo da nova geração de petroleiros, que entrou de cabeça e coração nessa luta. Desde a aprovação da Pauta pelo Brasil, na 5ª Plenafup, até

o enfrentamento no Congresso Nacional, onde conseguimos barrar a aprovação dos Projetos de Lei que visam alterar o regime de partilha.

Em estado de greve, os petroleiros seguem mobilizados e alertas contra qualquer tentativa de retrocesso que coloquem em risco a soberania e o patrimônio público. Os rumos da Petrobrás, do Pré-Sal e do Brasil continuam em disputa e o único enfrentamento possível é através da luta de classes.

A greve de novembro apontou o caminho e provou que o compromisso dos petroleiros é com a soberania e que a Petrobrás não pode ser gerida para servir ao mercado. A empresa que defendemos deve atender aos interesses do povo brasileiro. Esse, sim, o seu maior acionista.

Do Norte ao Sul, parou geral!



FOTO: Heron Barroso

Com uma adesão nacional de todos os 13 sindicatos da FUP, a greve no Sistema Petrobrás atingiu plataformas, refinarias, terminais, campos terrestres, plantas de gás, termelétricas e usinas de biodiesel. A unidade e a força desse movimento impactaram a produção de

petróleo, gás, fertilizantes e de energia termelétrica. Na Bacia de Campos, mais de dois milhões de barris de óleo deixaram de ser produzidos. Na Bahia, metade da produção do estado foi afetada pela greve.

Na Fafen-PR, maior produtora do planeta de cata-

lisador para caminhões a diesel, os trabalhadores paralisaram completamente a produção durante todos os dias de greve. Nas refinarias e terminais, apesar da tentativa irresponsável dos pelegos de manter a produção a qualquer custo, a carga de refino e o bom-

beio de produtos foram impactados em várias unidades. A produção de gás também foi afetada pela greve em alguns estados do país, assim como a geração de energia nas usinas. Na Bahia, por exemplo, a produção das termelétricas foi reduzida em 64%.

Juventude petroleira reafirma o legado de luta das gerações anteriores

A maior greve protagonizada pela atual geração de petroleiros começou vitoriosa desde o seu primeiro dia. Ao lado de companheiros que foram demitidos, punidos e perseguidos em 1995, milhares de trabalhadores recém ingressos no Sistema Petrobrás viveram a

experiência de realizarem sua primeira greve por uma pauta essencialmente ideológica, que apontou para o mundo que a categoria não é movida pelo corporativismo, como muitos pregam por aí.

A defesa da soberania nacional está no DNA dos petroleiros.

E a juventude assumiu bravamente esse legado de luta e resistência herdado das gerações anteriores e deixou sua marca nessa greve histórica, enfrentando de cabeça erguida o assédio e a pressão das gerências.

A direção da Petrobrás, por sua vez, ficará marcada pelo

vergonhoso papel de tentar criminalizar essa nova geração de trabalhadores, que ousou colocar o emprego em risco para defender a empresa. Para aqueles que subestimavam a juventude petroleira, a greve de novembro provou que a luta só está começando.

MPT investigará práticas antissindicais da Petrobrás

Em audiência realizada no dia 17 de novembro com o procurador-geral do Trabalho, Ronaldo Fleury, e o chefe da Coordenadoria Nacional de Promoção da Liberdade Sindical (Conalis), João Carlos Teixeira, a FUP tornou a denunciar as práticas antissindicais cometidas pela Petrobrás e por suas subsidiárias durante a greve dos petroleiros.

A entidade cobrou uma apuração rigorosa e a devida responsabilização dos gestores pela utilização de aparatos policiais dentro das unidades de produção, pelos interditos proibitórios que impuseram multas milionárias aos sindicatos, que tiveram, inclusive, contas bancárias bloqueadas, pela proibição dos dirigentes sindicais de acessar as instalações da empresa,



FOTO: Wandaik Costa

ARBITRARIEDADE: Deyvid Bacelar, conselheiro eleito do CA, foi preso durante a greve, a mando da gerência da Rlam

pelos intimidações e ameaças aos trabalhadores através de telefonemas, e-mails, telegramas e mensagens eletrônicas, entre tantas outras ações ilegais cometidas pela Petrobrás durante a greve.

Essas e outras práticas antissindicais serão investigadas pelas Procuradorias Regionais do Trabalho e a orientação é que os sindicatos continuem denunciando toda e qualquer arbitra-

riedade cometida pela empresa antes, durante e após a greve. Os procuradores discutirão estratégias conjuntas de atuação frente às violações ocorridas e também ações de proteção aos grevistas.

Nem um centavo para as contingências!

A FUP reiterou as denúncias já feitas sobre as excessivas horas extras realizadas pelas equipes de contingências que a Petrobrás utilizou ostensivamente durante a greve. Foi cobrado ainda que o Ministério Público responsabilize por improbidade administrativa os gerentes, supervisores, coordenadores e outros cargos de confiança, financiados pela empresa para violarem o direito de greve. Esses fatos serão investiga-

dos pela Coordenação Nacional de Combate às Irregularidades Trabalhistas na Administração Pública (Conap), órgão fiscalizador do MPT.

Desde o início de setembro, a FUP tentou negociar com a Petrobrás um acordo para cumprimento da Lei de Greve, como cotas de produção e efetivos mínimos, mas a empresa se recusou, faltando, inclusive, à audiência

convocada pelo Ministério Público. Além de atropelar a legislação, os gestores colocaram em risco os trabalhadores e a segurança das próprias unidades, entupindo as áreas operacionais com equipes despreparadas, que causaram uma série de incidentes pelo país afora.

Ao retomar as negociações com a empresa durante a greve, o coordenador

da FUP questionou os gastos milionários para financiar as contingências em plena crise financeira e deixou claro que as entidades sindicais não admitirão que seja pago "um centavo de hora extra" para os pelegos. "Credite os dias e vamos ver se o amor deles pela Petrobrás é maior do que o nosso, que estamos disputando os rumos dessa empresa", propôs José Maria Rangel.

PrimeiraMão

**Boletim da FEDERAÇÃO
ÚNICA DOS PETROLEÍROS**
www.fup.org.br

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - ☎(21)3852-5002 imprensa@fup.org.br

Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763 - Texto: Alessandra Murteira Projeto gráfico e diagramação:

Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição: Caetano, Chicão, Castellano, Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leonardo Urpia, Leopoldino, Moraes, Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Zé Maria.

● A Pauta é pelo Brasil!

Centrais e movimentos sociais na luta pela retomada dos investimentos da Petrobrás



FOTO: Lula Marques

De norte a sul do país, a greve dos petroleiros contou com a solidariedade dos movimentos sociais, da CUT, da CTB e de diversas entidades sindicais, que participaram ativamente dos atos e piquetes nas portas das unidades do Sistema Petrobrás. No dia 13 de novembro, mais de 500 militantes do MST chegaram a ocupar o Ministério das Minas e Energia, em defesa da estatal, do Pré-Sal e da greve dos petroleiros. Nesse mesmo dia, a Frente Brasil Popular realizou uma série de atos nas principais capitais do país, onde um dos eixos foi também a solidariedade à luta da categoria (foto).

Desde o início da greve, mais de 40 organizações populares assinaram uma carta aberta à população, cobrando apoio ao movimento, onde ressaltaram que "a greve dos petroleiros é justa e necessária, é para o bem do Brasil e do povo brasileiro". Artigos de lideranças sociais e

de intelectuais destacaram a importância da luta da categoria em defesa da soberania e criticaram os gestores da Petrobrás e a imprensa por tentarem criminalizar uma greve sem qualquer caráter corporativista ou econômico, cujo foco era barrar a privatização da empresa e trazer de volta os investimentos que o país tanto necessita.

No nono dia da paralisação, as centrais sindicais (CTB, CUT, Força Sindical, UGT, NCST e CSB) lançaram um movimento pela retomada do crescimento econômico, com ênfase, principalmente, nos investimentos da Petrobrás. O objetivo é criar uma agenda unitária dos trabalhadores, empresários e organizações da sociedade civil para recuperar e fortalecer os empregos nos setores de petróleo e gás, indústria naval e construção civil.

As propostas construídas pelos petroleiros na Pauta pelo

Dezembro tem novas lutas

No dia 08 de dezembro, as centrais sindicais pretendem realizar uma grande manifestação no Rio de Janeiro, em defesa dos empregos e da retomada dos projetos da Petrobrás que foram interrompidos. As entidades também se manifestarão contra os cortes de investimentos e a venda de ativos.

No dia 09, as centrais devem apresentar ao governo federal, ao Congresso Nacional, ao Ministério Público, ao STF, ao Cade, à AGU e ao TCU as propostas para destravamento das indústrias de petróleo e gás, naval e construção civil.

Brasil dialogam diretamente com essa iniciativa, que será mais uma importante frente de luta para pressionar o governo e os gestores da Petrobrás a avançarem nos debates que a FUP vem travando para manter o regime de partilha do Pré-Sal e para que a estatal volte a ser a indutora do desenvolvimento nacional. Para o co-

ordenador técnico do Dieese, Clemente Gaz Lúcio, é urgente destravar o setor de petróleo e gás para interromper o "derretimento" das atividades. "Isso vai abrir uma nova frente de negócios e investimentos que poderá apresentar sinais de aquecimento. Mas, se nada for feito, não conseguiremos nem salvar 2017", alerta.